

Sen.

# Sarney acusa oposição de não cumprir seu objetivo

Da sucursal de  
BRASÍLIA

O senador José Sarney (Arena-MA) acusou ontem, em longo discurso pronunciado na tribuna do Senado, a oposição de estar despreparada para atingir o que deveria ser objetivo, apontando o que considera dois equívocos básicos na ação do MDB: o desconhecimento da existência do processo revolucionário, "ainda bastante vivo", e o preconceito de considerar o problema institucional como o único existente, "num hiperjurisdicção formal que nada tem a ver com as estruturas do Estado moderno".

Em resposta, o senador Paulo Brossard (MDB-RS) afirmou que o arenista maranhense "nem direta, nem indiretamente, nem mediata, nem imediatamente, enfrentou as proposições e as teses desenvolvidas por mim nesta Casa". Brossard analisou ainda a pretendida construção da Ferrovia do Aço, fórmula que adotou para mostrar que "este Estado tão poderoso não está cumprindo seu dever"; acrescentando que o presidente Geisel — "que para reformar o Poder Judiciário dispensou o Poder Legislativo — poderia aplicar os seus poderes tão vastos, tão ilimitados, para cuidar do distrito de sua competência legal".

José Sarney notou que "os problemas fundamentais do País, a filosofia do seu desenvolvimento, as táticas e estratégias do nosso engajamento na sociedade industrial, os abalos sofridos pela nossa cultura, o impacto de técnicas de planejamento e crescimento econômico, a qualidade da vida, as meditações sobre o nosso destino e nossa participação, num universo cada vez menor e mais solidário, são temas que jamais foram considerados como objeto da ação política pela oposição brasileira". Acrescentou que, após 1964, com o movimento revolucionário, "a opção do Brasil por uma sociedade pluralista, aberta e moderna, a importância de uma oposição crítica e analítica passou a ser fundamental para o equilíbrio do sistema, mas, como ela não existe e o combate feito no momento é outro, surge um impasse, instigado por uma fonte alimentadora e permanente de todos os grupos não interessados na modificação do sistema institucional, que são os que desejam a ditadura ou a política de terra arrasada".

O senador maranhense concentrou suas principais críticas às posições assumidas pelo senador Paulo Brossard, que mostrou-se inteiramente fora da realidade "ao defender a tese de que é melhor que cada vez mais as coisas fiquem piores". A frase comentada por Sarney e profereida por Brossard no Senado é esta: "Se é exato que a degeneração do mal apressa a sua extinção, com o despertar de energias novas, a violenta queda do poder, no que tem ele de legítimo, há de concorrer para que menos demorada e mais aperfeiçoada seja a restauração da ordem jurídica que chegou ao caos com o seu desmoronamento total". Citou ainda uma frase usada por Paulo Brossard na convenção emedebista de Porto Alegre: "O regime está no fim".

Discordando desse tipo de colocação, Sarney procurou demonstrar que "o exemplo do mundo não oferece dados para essa conclusão". Salientou que as afirmações do senador gaúcho são irrealis e inexequíveis, remontando a uma época em que o terrorismo, a ciência e a técnica, podendo ser utilizados a serviço da destruição, não

existiam e não eram como hoje, onde essa militância não permite que, nos países subdesenvolvidos, possam funcionar esses mecanismos que garantam ao Estado poderes de autodefesa".

Depois de uma análise da violência no mundo, Sarney não apenas lembrou que "as medidas de exceção adotadas pelo processo revolucionário são restritas apenas à área de legítima defesa e de estado de necessidade", como ainda particularizou que "não seria lógico abstrair-se de que, por trás da problemática brasileira, há a preocupação máxima de não levar o País a ingressar num universo de desintegração política, pela violência". Notou que os países subdesenvolvidos são os mais vulneráveis a esse ataque, "pois as suas instituições frágeis sucumbem aos primeiros embates". Nesse sentido, mostrou que há, da parte das Forças Armadas, e em particular da Revolução, uma responsabilidade de preservar os objetivos da ordem. "Essa responsabilidade é muito grave, em face da História e do presente do País". Por isso, considerou que as pregações de Brossard, "atacando violentamente o governo e o Sistema, nada acrescentam para a melhoria de nossa convivência democrática".

Para Sarney, "como o compromisso da Revolução é democrático, ela limitou sua ação e autoridade apenas ao setor da autodefesa contra a violência. E não há exemplos de que, em outras áreas, o regime não seja o dos mecanismos democráticos". Citou, a propósito, os direitos da livre iniciativa, de associação, de emigração, de residência, de movimento, de imprensa, de votar, ser eleito e eleger.

Ao enfatizar que os propósitos revolucionários são democráticos, Sarney acrescentou que "se trata verdadeiramente de um compromisso com a democracia e não com o simulacro de democracia, que apenas se preocupa com as elites dirigentes. A teoria democrática do governo é a expressa com frequência no Congresso, objetivando uma democracia social, econômica e política."

Assinalou que a sociedade brasileira, antes da Revolução, "foi incapaz de promover mudanças de enfoques". Insistiu na tese para mostrar que "o milagre brasileiro tem sido sobretudo o resultado dessa visão, que possibilitou a transformação do País, de estruturas arcaicas e anestesiadas, num esforço extraordinário de modernização".

Remontando ao século XIX e a parte do século XX, o vice-líder arenista afirmou que as liberdades políticas de então existiam apenas na teoria. "Na prática — disse — o que existia era uma profunda e injusta ordem social, responsável pelo atraso econômico e pela escravidão política, uma vez que esta atividade era privilégio dos iluminados e de elites afortunadas".

Depois de se referir a essa época, Sarney mostrou que, diante das injustiças sociais gritantes, o Estado foi obrigado a intervir na órbita econômica e social. Com essa transformação, o País passou de uma democracia apenas política para uma democracia social e econômica.

Entende o senador nordestino que a "democracia meramente política" levou o País ao caos, à desintegração da sociedade à anarquia partidária e à pobreza irreversível. Graças, contudo, às transformações registradas, a Revolução cumpre a "grande missão democrática, tarefa que não será concluída em pouco tempo".